



*Uma breve reflexão sobre a  
ideação suicida a partir do  
consultório de Filosofia  
Clínica  
Cadu Nascimento<sup>1</sup>  
filósofo clínico*

Minha experiência de escuta às pessoas teve seu despertar em minha adolescência, no âmbito da amizade. Sempre escutei colegas de escola, vizinhanças do bairro, especialmente pessoas tidas como difíceis e complicadas pelos grupos sociais. Antes da escuta terapêutica, passei alguns anos na escuta pastoral. De um jeito ou de outro, escutar outro ser humano é uma arte como diria o inesquecível Rubem Alves em *O Amor que Acende a Lua*:

*“Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil... Parafraseio o Alberto Caeiro: “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito; é preciso também que haja silêncio dentro da alma”.*

---

<sup>1</sup> Carlos Eduardo S. Nascimento, que prefere ser chamado como Cadu, é filósofo clínico, mestre em Filosofia (UFG) e doutor em Ciências da Educação (UML), terapeuta, pesquisador e professor de Filosofia Clínica pela CEFA (Casa de Estudos Francisco de Assis, em Goiânia), é responsável pelo Espaço terapêutico Oásis de Filosofia Clínica onde atende pessoas do Brasil e de outros países.



Se tenho uma convicção nesses anos de escuta ao Outro é a de que a arte de escutar corresponde à hospitalidade. É como dizer à pessoa: - seu conteúdo encontra espaço em mim. Numa sociedade de máscaras, representações teatrais da vida, maquiagens excessivas nas redes sociais como palco da vida, onde os conteúdos dos bastidores não podem dar notícias, encontrar alguém que acesse a alma humana em profundidade é imensurável, especialmente quem traz, nessa sociedade do espetáculo, da ditadura da felicidade, dores profundas, angústias agudas, descontroles, revoltas e o desejo de não mais estar aqui.

Uma jovem que acompanhei por um tempo em terapia chamava a ideia suicida de “vontade de desviver”. Para a Filosofia Clínica, a questão suicida é mais ampla do que apenas a morte biológica. Existencialmente, o tema é mais amplo e exige atenções éticas e filosóficas que poderíamos abordar num próximo artigo, dada sua profundidade.

Será que nossas famílias, escolas, os espaços sociais, a internet e mesmo nossos consultórios estão preparados para uma acolhida incondicional às pessoas que pensam em desistir? Como filósofo clínico, essas questões me perpassam todos os dias. Esforço-me para ofertar sempre o melhor de mim pela escuta e pelo cuidado terapêutico. Pessoas de todas as idades e condições sociais, econômicas, gente de diversas tradições religiosas, da cor da pele e de diferentes culturas podem se encontrar diante dos desafios da existência e pensar em desistir.



Converso com as pessoas, não só como quem estudou e pesquisa permanentemente as teorias e psicoterapias, mas como quem viveu na pele o drama da depressão e das sombras que habitam nossas profundidades há alguns anos atrás.

Fiz uma postagem sobre meu consultório, hoje, nas redes sociais, e compartilho aqui algumas ideias que me atravessaram. O nome do meu trabalho na internet é *Espaço Terapêutico Oásis*. O termo Oásis é inspirado no teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, algo que penso a partir do que ele escreveu enquanto era mantido prisioneiro pelos nazistas. Para ele, um amigo é como um oásis no deserto. Lúcio Packter, sistematizador da nossa abordagem terapêutica, ensina que o filósofo clínico deve ser um amigo do mundo íntimo e das verdades subjetivas do seu partilhante.

*O Espaço Oásis* quer ser lugar de descanso da jornada, onde as pessoas podem retirar as máscaras sociais e conversar com alguém que não vai julgá-la, encaixá-la em tipologias, teorias ou qualquer noção de normose. E está tudo bem não ter respostas. Não tem problemas ter problemas. Está tudo certo quando não tem nada certo. Está tudo bem não estar bem. Não há problema se perceber perdido na estrada e precisar recalcular a rota, ser derrotado às vezes, frustrar-se, cair, desistir, perder... Essa é a vida! Precisamos distinguir a vida da ideia da vida. Os antigos gregos cunharam uma palavra para os dramas da existência que ultrapassam a noção de controle: a tragédia. Para eles, que criaram o teatro grego, a tragédia é parte integrante do existir. Na modernidade, com o epicentro do Ego, da racionalidade instrumental e toda tecnocracia que veio com a Revolução Industrial, a palavra tragédia não só nos causa alergias como profundo repúdio. Fomos treinados a renegar tudo que não podemos compreender e controlar. Muita gente tem preferido se arrebentar do que aceitar a vida como ela é. E essa é a grande frustração da nossa cultura: uma imensa distância entre o real e o ideal, de si mesmo, das pessoas, dos estudos, do trabalho, da família, dos amigos, do mundo...

Como filósofo clínico, meu trabalho consiste em desenvolver uma terapia existencial e artesanal. Não chamamos o Outro de cliente,



tampouco de paciente, mas de partilhante, pois o processo clínico se realiza de acordo com a singularidade da pessoa que vai partilhar comigo seu mundo e sua jornada. A metodologia de Packter me ajuda a localizar a pessoa, mapear suas tendências existenciais, a fim de que ela possa ser ajudada do seu modo, no seu tempo, com seus valores, cosmovisões e com sua gramática. É a singularidade que nos leva a compreender a Filosofia Clínica como uma "práxis de alteridade" em sua metodologia, como terapêutica artesanal da singularidade.

Em meu olhar, o filósofo clínico é um artesão da alma humana, costurando emoções, sonhos, buscas, frustrações, sentidos, decisões, lágrimas e sorrisos a partir das medidas existenciais e singulares de cada pessoa. Em nosso método terapêutico, oferecemos um cuidado sob medida, uma terapia artesanal, pois cada pessoa é única e irrepetível em seu modo de existir.

Nem sempre é fácil hospedar o Outro em nossos corações, em nossas vidas, dando-lhe passagem sem reduzi-lo às nossas réguas, padrões, medidas e gostos. Estou convencido de o que nossa sociedade mais precisa não são de pílulas sofisticadas para fazer a dor parar, mas gente disposta a ouvir como Rubem Alves nos coloca em *O amor que acende a Lua*:



O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: "Se eu fosse você". A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção.

Eu concordo com o mestre Rubem Alvez, afinal, *“É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina”*. É na falta de amor de pais, mães, professores, colegas de escola, vizinhos e amigos, que estão ocupados demais com os shows narcisistas de nossas projeções egóicas, que a vida de muita gente está terminando.

Que tenhamos aberturas para visitar as pessoas, não nos palcos da vida, nos espetáculos das redes sociais, onde tudo tem aparência de perfeição, mas nos bastidores da alma humana, nos camarins da subjetividade íntima de cada um, onde a dor sangra, onde o grito é silenciado, onde o vazio encontra espaço e a solidão se instala. É lá que, muitas vezes, o abraço silencioso é o melhor discurso. Estar presente é a melhor forma de dizer: Conte comigo! Estou aqui com você!

Como disse a personagem Clay Jensen da série 13 Reasons Why, amigo de uma garota de sua escola que cometeu suicídio, ao se dirigir ao orientador pedagógico: “Precisamos rever a maneira como cuidamos uns dos outros”.

Se você gostou desse vídeo, curte, deixe nos comentários como foi pra você essa reflexão. A CEFA está com matrículas abertas em nossos cursos de FC. Clica no link da bio pra saber mais. Um afetuoso abraço!

Artigo feito a pedido da Escola de pais do Brasil - EPB

